

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Future of Us*

Autores: *Jay Asher e Carolyn Mackler*

Copyright © 2011 Jay Asher and Carolyn Mackler

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução de toda ou parte da obra sob qualquer forma ou meio.

Edição portuguesa publicada por acordo com Razorbill, uma divisão da Penguin Young Readers Group, chancela da Penguin Group (USA) Inc.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2012

Tradução: *Lucinda Santos Silva*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Ilustração da capa: *Shutterstock*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2012

Depósito legal n.º 348 729/12

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

E-mail: info@presenca.pt — www.presenca.pt



Carolyn Mackler

para Jonas, Miles e Leif Rideout

Jay Asher

para JoanMarie e Isaiah Asher

O nosso passado, presente e futuro

Em 1996 menos de metade dos alunos do ensino secundário americano usavam a Internet.

O Facebook só seria inventado uns anos depois.

Emma e Josh estão prestes a aceder aos seus futuros.

domingo

1://Emma

Não posso acabar tudo com o Graham hoje embora tenha dito aos meus amigos que o faria na próxima vez que estivesse com ele. Por isso, estou escondida no quarto a ligar o computador novo enquanto ele joga Ultimate Frisbee no parque do outro lado da rua.

O meu pai enviou-me o computador como mais um pedido de desculpa. No verão passado, antes de ele e a minha madrastra se mudarem da Pensilvânia central para a Florida, entregou-me as chaves do velho Honda e depois começou a sua nova vida. Acabam de ser pais pela primeira vez, vai daí eu recebo este PC com o Windows 95 e monitor policromático.

Estou a escolher um *screensaver* quando tocam a campainha. Deixo a minha mãe ir abrir porque ainda não me decidi entre um labirinto de muros de tijolo e uma rede de canalização. Oxalá não seja o Graham.

— Emma! — grita a minha mãe. — Está aqui o Josh.

Grande surpresa. O Josh Templeton mora ao nosso lado e, em miúdos, andávamos sempre metidos na casa um do outro. Acampávamos nos quintais, construíamos fortes e, aos sábados de manhã, ele trazia a taça de cereais para vir ver os desenhos animados no meu sofá. Mesmo depois de entrarmos para o secundário permanecemos inseparáveis. Mas depois, no passado novembro, tudo mudou. Ainda almoçamos com o nosso pequeno grupo de amigos mas há seis meses que ele não vem cá a casa.

Escolho o *screensaver* do muro de tijolos e vou lá a baixo. O Josh está no alpendre a chutar no aro da porta com a biqueira esfolada do ténis. Anda um ano atrás de mim, no décimo, portanto. Tem o mesmo cabelo louro arruivado escorrido e o sorriso tímido de sempre mas este ano já cresceu uns doze centímetros.

Vejo o carro da minha mãe sair em marcha-atrás. Buzina e diz adeus antes de virar para a rua.

— A tua mãe disse que não saíste do quarto o dia todo — comenta o Josh.

— Estou a ligar o computador — respondo, evitando a questão do Graham. — É muito giro.

— Se a tua madrasta engravida outra vez — replica ele —, devias cravar um telemóvel ao teu pai.

— Pois.

Até ao passado novembro, não ficávamos ali acabrunhados à porta. A minha mãe dizia-lhe para entrar e ele corria logo lá para cima para o meu quarto.

— A minha mãe quis que eu te trouxesse cá isto — diz ele, mostrando-me um CD-ROM. — A American Online oferece cem horas gratuitas se nos ligarmos. Veio pelo correio, a semana passada.

A nossa amiga Kellan ligou-se recentemente à AOL. Dá um gritinho sempre que lhe enviam uma mensagem no Messenger. Passa horas debruçada sobre o teclado a conversar com alguém que se calhar nem anda no liceu de Lake Forest.

— Os teus pais não o querem? — pergunto.

O Josh abana a cabeça. — Não querem ter Internet. Dizem que é uma perda de tempo e a minha mãe acha que as salas de *chat* estão cheias de tarados.

Rio-me. — Então quer que fique *eu* com ele?

O Josh encolhe os ombros. — Falei disso à tua mãe e ela disse que podias ligar-te desde que ela e o Martin também possam ter endereços de *e-mail*.

Ainda não consigo ouvir o nome do Martin sem revirar os olhos. A minha mãe casou com ele no verão passado, dizendo que desta vez encontrara o verdadeiro amor. Mas também disse isso do Erik e ele só durou dois anos.

Aceito o CD-ROM e o Josh enfia as mãos nos bolsos de trás.

— Ouvi dizer que demora um bocado a descarregar — refere ele.

— A minha mãe disse quanto tempo ia estar fora? — pergunto-lhe. — Talvez agora fosse boa altura para ocupar a linha telefónica.

— Disse que ia buscar o Martin para irem a Pittsburgh ver lavatórios.

Nunca tive grande ligação com o meu último padrasto mas pelo menos não virou a casa de pantanas. Em contrapartida, convenceu a minha mãe a criar periquitos, portanto nos meus anos da preparatória foi um fartote de chilreios. O Martin, no entanto, convenceu-a a iniciar uma grande remodelação, enchendo a casa de serradura e cheiro a tinta. Despacharam há pouco a cozinha e as alcatifas e agora andam a mexer na casa de banho do rés do chão.

— Se quiseres — digo, sobretudo para preencher o silêncio —, podes cá vir um dia experimentar a AOL.

Ele afasta o cabelo dos olhos. — O Tyson diz que é o máximo. Diz que vai mudar a nossa vida.

— Pois, mas ele também acha marcantes todos os episódios do *Friends*.

Ele sorri e vira-se para ir embora. A cabeça quase a bater no espanta-espíritos que o Martin pendurou no alpendre. Nem acredito que o Josh já esteja com um metro e oitenta. Às vezes, de longe, mal o reconheço.

* * *

Introduzo o CD-ROM e oiço-o girar dentro do computador. Sigo as instruções para iniciar a instalação. A barra azul no ecrã diz que o *download* vai levar noventa e sete minutos. Olho ansiosamente pela janela, para a belíssima tarde de maio. Depois de um inverno tempestuoso, seguido de meses de chuva primaveril gelada, o verão está finalmente a chegar.

Tenho provas de atletismo amanhã mas há três dias que não corro. Sei que é uma estupidez estar com medo de me encontrar com o Graham. O Wagner Park é enorme. Estende-se pela orla da baixa até à urbanização mais recente. O Graham pode estar a jogar Frisbee em qualquer lado. Mas se me vê, passa-me logo o braço pelo ombro e pira-se comigo para a marmelada. No baile de finalistas, no fim de semana passado, não me largou. Até perdi a dança da Macarena com a Kellan, a Ruby e as minhas outras amigas.

Pondero interromper o *download* e ligar para casa do Graham a ver se ele já chegou. Se ele atender, desligo. Mas a Kellan falou-me de um novo serviço em que alguns telefones mostram o número de quem está a ligar. Não, vou portar-me como adulta. Não posso ficar eternamente escondida no quarto. Se vir o Graham no parque, aceno-lhe apenas e grito-lhe que tenho de continuar a correr.

Visto uns calções e um soutien de desporto e apanho o cabelo encaracolado num torcido. Prendo o Discman ao braço e saio para o jardim da frente, onde paro para fazer um alongamento. A porta da garagem do Josh abre-se. Passado um momento, ele sai montado no skate.

Quando me vê, para na entrada. — Começaste a fazer o *download*?

— Sim, mas demora imenso. Onde é que vais?

— Ao SkateRats — responde ele. — Preciso de rodas novas.

— Diverte-te — digo-lhe quando ele arranca para a rua.

Houve uma altura em que teríamos conversado por mais tempo mas isso foi há muito. Corro até ao passeio e viro à esquerda. Quando chego ao fim do meu quarteirão, atravesso para o trilho empedrado que vai dar ao parque. Ligo o Discman. A Kellan fez-me uma seleção de músicas para correr, começando com Alanis Morissette, depois Pearl Jam e por fim Dave Matthews.

Faço o circuito dos quatro quilómetros a correr a sério, aliviada por não ver nenhuma partida de Frisbee. Quando me aproximo novamente da minha rua, arrancam os primeiros acordes de guitarra do «Crash into Me».

«*Lost for you*», digo em silêncio. «*I'm so lost for you.*» A letra faz-me sempre pensar no Cody Grainger. Pertence à minha equipa de atletismo. É finalista e um corredor incrível, classificado nos vinte melhores do estado. Na primavera passada, na viagem de regresso de um encontro, sentou-se ao meu lado e contou-me tudo sobre os olheiros de universidades que lhe tinham telefonado. Mais tarde, quando não consegui reprimir um bocejo, deixou-me encostar a cabeça ao ombro dele. Fechei

os olhos e fingi que adormecia mas não parava de pensar: *Embora eu não acredite no verdadeiro amor, pelo Cody era capaz de mudar de ideias.*

A Kellan diz que estou com ilusões mas olha quem fala. Quando andava com o Tyson, no verão passado, parecia que tinha inventado o amor. Tem um QI de génio e escreve ótimos editoriais no jornal da escola mas não falava de outra coisa, o Tyson isto e o Tyson aquilo. Quando ele acabou tudo com ela depois das férias do Natal, ficou tão arrasada que faltou duas semanas às aulas.

Até posso gostar do Cody mas tenho de viver a minha vida. Há dois meses que ando com o Graham Wilde. Somos colegas na banda. Ele toca bateria e eu saxofone. É sexy, com cabelo louro pelos ombros, mas aquela agarrção toda no baile de finalistas foi irritante. Não tarda, acabo tudo com ele, de certeza. Ou talvez deixe que as coisas acabem por si durante o verão.

* * *

A barra de estado continua a avançar lentamente.

Tomo um duche e depois acomodo-me no cadeirão de bambu acolchoado a ler os apontamentos para o exame final de Biologia. Este ano tive sempre Muito Bom, decididamente a minha disciplina mais forte. A Kellan tentou convencer-me a matricular-me com ela num curso de biologia na universidade no próximo outono mas não estou para aí virada. Quero um ano de finalista sossegado.

Quando o *download* acaba, fecho o livro e reinicio o computador. Quando me ligo à AOL, o modem faz barulho e apita. Assim que entro, vou ver se o endereço *EmmaNelson@aol*.

com está disponível mas já foi escolhido. Tal como o *Emma-MarieNelson*. Acabo por ficar com o *EmmaNelson4Ever*. Para *password*, penso nalgumas opções antes de escrever «Millicent». No verão passado, quando a Kellan e o Tyson andavam caidinhos um pelo outro, eu e o Josh gozávamos com eles fazendo de conta que éramos um casal de meia idade apaixonado chamado Millicent e Clarence que devorava comida pré-cozinhada e andava pela cidade numa velha carrinha de gelados. Eles nunca acharam graça mas eu e o Josh partíamo-nos a rir.

Entro e a mesma página da AOL que vi no computador da Kellan aparece agora no meu.

— *Bem-vindo!* — entoa uma voz eletrónica.

Preparo-me para escrever o meu primeiro *e-mail* para a Kellan quando uma luz forte pisca no ecrã. Aparece uma pequena janela branca com uma borda azul a pedir que insira novamente o meu endereço de *e-mail* e a *password*.

«EmmaNelson4Ever@aol.com», escrevo. «Millicent».

O ecrã fica parado uns vinte segundos. Depois, a caixa branca reduz-se a um pontinho azul e vai surgindo uma nova página. Tem uma faixa azul em cima que diz «Facebook». Uma coluna a meio do ecrã tem por título «*Feed* de notícias» e por baixo há fotos minúsculas de pessoas que não reconheço. Cada foto tem ao lado uma curta declaração.

Jason Holt

A adorar NYC. Já comi dois cupcakes
na Magnolia!!

há 3 horas · Gosto · Comentar

Kerry Dean E não me ofereceste um?

Quero cobertura de chocolate e pepitas.

há 2 horas · Gosto · Comentar

Mandy Reese

Meti-me agora numa teia de aranha e não me passei. Altamente!

há 17 horas · Gosto · Comentar

Ando com o rato pelo ecrã, baralhada com a mistura de fotos e palavreado. Não faço ideia do que significam coisas como «Estado», «Pedido de Amizade», «Toque».

Então, mesmo debaixo da faixa azul, algo me faz arrepiar. Ao lado de uma pequena foto de uma mulher sentada num banco, está escrito «Emma Nelson Jones». É uma trintona de cabelo encaracolado e olhos castanhos. Fico nervosa porque a mulher parece-me conhecida.

Demasiado conhecida.

Quando passo o rato por cima do nome, a seta branca transforma-se numa mão. Clico e, lentamente, começa a aparecer outra página. Desta vez, a foto é maior e há tanta informação que não sei por onde começar a ler. Na coluna central, ao lado de uma versão mais pequena da mesma foto, vejo:

Emma Nelson Jones

A pensar em fazer madeixas.

há 4 horas · Gosto · Comentar

Diz que a Emma Nelson Jones andou no liceu de Lake Forest. É casada com alguém chamado Jordan Jones Jr. e nasceu a 24 de julho. Não diz de que ano mas 24 de julho é o *meu* aniversário.

Apoio a testa nas mãos e tento respirar fundo. Pela janela aberta, oiço o Josh chegar de skate, as rodas a saltarem por cima das linhas do passeio. Corro para o rés do chão e saio pela porta da frente, piscando os olhos ao sol forte.

— Josh? — chamo-o.

Ele mete pela entrada dele e chuta o skate para a mão.

Agarro-me ao varandim do alpendre para me debruçar.

— Aconteceu uma coisa depois de eu instalar a AOL.

Ele olha para mim e o espanta-espíritos chocalha no silêncio.

— Podes vir lá a cima um instantinho? — pergunto-lhe.

Ele olha para a relva mas não diz nada.

— Por favor — peço-lhe.

Com o skate na mão, lá entra atrás de mim.

2://Josh

Subo as escadas atrás da Emma e conto pelos dedos o tempo de novembro a maio. Há seis meses que não venho a casa dela. Antes disso, era como se fosse a minha segunda casa. Mas depois de irmos todos à estreia do *Toy Story*, interpretei mal as coisas e julguei que ela queria que fôssemos mais do que amigos.

Não queria.

Quando chegamos ao quarto, ela aponta para o computador: — Cá está.

O ecrã mostra um *screensaver* em que parece que estamos a andar por um labirinto de muros de tijolo.

— É giro — comento, encostando o skate à cómoda.
— Quase não se ouve a trabalhar.

O quarto dela está como dantes, tirando uma jarra com rosas brancas murchas em cima da cómoda. Várias lanternas de papel vermelhas penduradas no teto. Dois quadros de cortiça ao pé da cama cheios de fotografias, bilhetes de cinema e de bailes da escola.

Emma abana a cabeça. — Desculpa — diz, a rir para consigo mesma. — Isto é uma parvoíce.

— O quê? — Afasto dos olhos o cabelo transpirado. Depois de ir buscar as rodas novas, encontrei-me com o Tyson no estacionamento da igreja batista para patinar. Entre os serviços religiosos da manhã e do fim de tarde, o estacionamento está vazio e o alcatrão tem umas lombas porreiras.

A Emma põe-se ao lado da cadeira da secretária e vira-se para mim. — Ora bem, preciso que me atures um instantinho.

Sento-me e ela roda a cadeira até eu ficar de frente para o monitor.

— Mexe no rato e diz-me o que vês — pede-me.

Não sei se é de estar outra vez no quarto dela, ou do seu comportamento estranho, mas começo a sentir-me pouco à vontade.

— Por favor — insiste e vai para a janela.

Sacudo o rato. O muro de tijolos imobiliza-se e depois desaparece. Surge um *site* com textos e fotos minúsculas espalhadas por todo o lado, como um caleidoscópio. Não faço ideia do que ela quer que eu veja.

— Esta fulana parece-se contigo — comento. — Que giro! — Lanço-lhe um breve olhar mas ela está a olhar lá para fora. A janela dá para o jardim, tal como a da minha casa de banho do primeiro andar. — Não se parece *exatamente* contigo. Mas se fosses mais velha, parecia.

— O que é que vês mais? — pergunta ela.

— Tem o teu nome, só com o Jones no fim.

A página diz Facebook em cima. É uma barafunda, cheia de imagens e textos.

— Não foste tu que fizeste isto, pois não? — pergunto. Este ano tenho Processamento de Texto I, que ensina a criar, alterar e guardar ficheiros no computador. A Emma anda um ano à minha frente, no Processamento de Texto II.

Ela vira-se para mim, espantada.

— Não que não *conseguisses* — esclareço.

Parece que a Emma fez esta página na Internet como trabalho da escola, criando um futuro imaginário para si mesma. Diz lá que a Emma Nelson Jones andou no nosso liceu, vive agora na Florida e está casada com um tipo chamado Jordan Jones Jr. O nome do marido soa a falso mas ao menos não resolveu chamar-se Emma Nelson Grainger, como o tipo do atletismo. Ou Emma Nelson Wilde, como o seu namorado atual. Por falar em Graham, ela não disse que ia acabar tudo com ele?

Senta-se na borda da cama com as mãos entaladas no meio das coxas. — Que achas?

— Não sei qual era a tua ideia — respondo.

— Estás a falar de quê?

— É para quando? — pergunto.

— Para quando *o quê?*

Vem pôr-se ao meu lado e olha para o ecrã, a bater com dois dedos nos lábios. Com o cabelo a pingar-lhe para a camisola, começam a aparecer estrelinhas de várias cores no soutien. Esforço-me por não olhar.

— Sê sincero, Josh — diz ela. — Como é que fizeste isto?

— *Eu?*

— Tu é que me disseste para instalar esse CD-ROM — diz ela. Estica o braço e carrega no *Eject* para abrir a gaveta do disco. — Disseste que era da AOL.

— E era! — Aponto para o ecrã. — Achas que *eu* sei como é que isto se faz?

— Tens muitas fotos minhas. Se calhar digitalizaste uma na escola e...

— E alterei-a para pareceres mais velha? Como é que eu conseguia?

As minhas mãos começam a suar. Se não foi a Emma que fez isto, então...

Esfrego as mãos nos joelhos. Um lado do meu cérebro sus-surra que isto pode ser uma página da Internet vinda do futuro. O outro lado do cérebro berra com o primeiro por estar a ser parvo.

No ecrã, a Emma Nelson Jones com ligeiras rugas aos cantos dos olhos está a sorrir.

A Emma aponta para o monitor. — Achas que é um vírus?

— Ou uma brincadeira — respondo. Retiro o CD-ROM e olho bem para ele. Se calhar, alguém lá da escola soube que a Emma ia ter um computador novo, então criou este disco de aspeto genuíno e... pô-lo na *minha* caixa do correio?

No ecrã, há uma série de pequenas frases na coluna central da página. Escritas pela Emma Nelson Jones com respostas de outras pessoas.

Emma Nelson Jones

A pensar em fazer madeixas.

há 4 horas · Gosto · Comentar

Mark Elliot Não mudes nada, E!

há 57 minutos · Gosto · Comentar

Sondra McAdams Vamos fazê-las juntas!! :)

há 43 minutos · Gosto · Comentar

— Se é uma brincadeira, não percebo — diz a Emma.
— Qual é a ideia?

— É óbvio que isto vem do futuro. — Rio-me. — Se calhar, esta página da Internet significa que és famosa.

Ela ri-se. — Pois. Como é que me tornava famosa? Com o saxofone? No atletismo? Ou achas que sou uma patinadora mundialmente famosa?

Alinho na coisa. — Talvez a patinagem seja um desporto olímpico no futuro.

Ela dá um gritinho e bate palmas. — Se calhar o Cody qualifica-se no atletismo e vamos aos jogos olímpicos *juntos!*

Odeio a maneira como ela consegue trazer o Cody Grainger para a minha conversa.

Então aponta para qualquer coisa ao fundo da página. — O que é isso?

Emma Nelson Jones

Alguém adivinha onde o meu marido passou
o fim de semana todo?
há 20 horas · Gosto · Comentar

Por baixo desse texto, quase escondido pelo fundo do ecrã, há uma foto. A parte de cima da foto parece um mar. Passo o rato lá por cima.

— Clico para ver se...?

— Não! — responde ela. — E se isto é um vírus e quanto mais abirmos pior fica? Não quero dar cabo do meu computador novo.

Tira-me o CD-ROM da mão e mete-o na gaveta da secretária.

Viro-me na cadeira para olhar diretamente para ela. — Vá lá, mesmo que seja uma brincadeira, não queres ver com quem é que eles dizem que vais casar?

Ela fica a pensar por um instante. — Está bem.

Clico na foto e aparece uma nova página. Vemos o grande quadrado ao centro a surgir lentamente de cima para baixo. Primeiro, ondas fortes. Depois a cara de um homem. Com óculos de sol pretos. Depois os dedos, a agarrarem o focinho bicudo de um peixe. Quando a foto acaba de descarregar, vemos que o homem está de pé na proa de um barco de pesca.

— Esse peixe é enorme! — comento. — Onde será? Calculo que deva ser na Florida.

— Ele é giríssimo! — exclama a Emma. — Para cota. Gostava de saber onde é que arranjam essa fotografia.

Assustamo-nos com uma rápida batida na porta do quarto, seguida da entrada da mãe dela.

— Gostas do teu computador novo? — pergunta ela. — Andam a navegar na Internet com as horas gratuitas?

A Emma muda ligeiramente de posição à frente do monitor. — A fazer pesquisas sobre o peixe-espada.

— E futuros maridos — digo eu, levando um valente beliscão na parte de trás do braço.

— Podem deixar isso para mais tarde? — pergunta a mãe dela. — O Marty tem de telefonar a um cliente antes do jantar e não pode enquanto vocês estiverem nisso da Internet.

— Mas ainda não acabei — replica a Emma. — Não sei se depois consigo voltar a esta página.

Ela tem razão. E se não conseguirmos? Mesmo que seja uma brincadeira, há tanto ainda para verificar. A Emma tem de dizer qualquer coisa convincente para continuarmos ligados.

— Há *uma* linha telefónica — diz a mãe dela. — Aponta o nome num papel e voltas lá mais tarde. Se isso da Internet vai ser um problema...

— Não vai — afirma a Emma. Pega no rato, suspira vagarosamente e termina a sessão.

A voz eletrónica brinda-nos com um alegre «Adeus!»

— Obrigada — diz a mãe. Depois, vira-se para mim. — Prazer em voltar a ter-te por cá, Josh. Queres ficar para jantar?

Levanto-me e pego no skate, evitando o olhar da Emma. — Não posso. Tenho muitos trabalhos de casa e os meus pais... — Não acabo a frase e sinto-me corar.

Descemos os três. A mãe da Emma vai ter com o Martin à casa de banho onde ele está a arrumar sacos plásticos da Home Depot. A Emma abre-me a porta da frente e chega-se a mim.

— Vou tentar lá ir outra vez, mais logo — sussurra.

— Está bem — respondo, baixando os olhos para o skate. — Liga-me se precisares de alguma coisa.